

---

# ENTRE SÍMBOLOS E INSTITUIÇÕES: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO PATRIMÔNIO URBANO E ARTÍSTICO DE JACAREZINHO(PR)\*

---

JULIANA CAROLINA DA SILVA\*\*, LUCIANA BRITO\*\*\*

*Resumo: observação da construção da cidade de Jacarezinho/PR, através de símbolos e suas relações com instituições e políticas públicas. Estudo da memória impressa de 1950 a 1960 na revista O Norte Paraná Ilustrado (1930), no Jornal Tribuna do Norte (1961) e fotografias (1950 a 1960). Simbologias deste local podem ser confundidas com símbolos que caracterizam a região, numa construção política e institucional para a formação da cultura local de cidades do “Norte Pioneiro”, cuja identidade aludia ao progresso. Com esta constatação, buscamos rever memórias e propomos observar os símbolos, a cidade e a memória por outro prisma: o individual. Compreender influências da dimensão institucional da produção simbólica pela percepção de artistas populares ao longo de 1980 a 2000, e a relação entre memória individual, coletiva e espaços e linguagens sociais, usando principalmente obras artes plásticas e esculturas. Por fim, buscamos contribuir para discussão em torno das influências do poder nas memórias e sua reformulação na subjetividade do patrimônio artístico.*

Palavras-chave: *Memórias. Instituições. Símbolos. Arte. Jacarezinho/PR.*

**O**s símbolos são objetos imaginários ou concretos que moram na fronteira do mundo real e do espaço invisível, mas que atuam no imaginário, construindo neste a cidade. Definem sua identidade, dizem quem a cidade é e mostram os poderes que exercem influência sobre o meio urbano e rural. E, assim, faz da cidade um local habitado por elementos que diferenciam, definem e estabelecem o processo de identificação dos indivíduos com seu próprio espaço de vivência e interesse, bem como as instituições e histórias.

---

\* Recebido em: 09.09.2016. Aprovado em: 15.09.2016.

\*\* Graduada em História pela UENP/CJ. Mestranda em História pela UEM. Email: ooliin.ju@gmail.com.

\*\*\* Doutora em Letras atuante no Centro de Letras, Comunicação e Artes da UENP. E-mail: lbrito@uenp.edu.br.

Podemos dizer que, ao mesmo tempo em que os símbolos identificam as cidades, concomitante, marcam a memória dos indivíduos que com elas têm um vínculo, seja de interesse ou de necessidade. Essa marca se exerce através da memória coletiva, que se constrói através de gerações, em que os símbolos construídos geograficamente e/ou de maneira interessada, agiram formando um inconsciente coletivo vivo na paisagem urbana e nas memórias sejam elas coletivas ou individuais, que formam a inteligibilidade do patrimônio cultural contado por diversas instituições e grupos.

Baseando-nos na definição de Jung (2002, p. 53), em que “O conceito de arquétipo, que constitui um correlato da ideia de inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas de psique, que estão em todo tempo e em todo lugar”, nosso trabalho será estudar uma parte da “psique” da cidade de Jacarezinho, formada através das relações institucionais, de seus interesses econômicos e políticos, que forjam símbolos de identificação delas próprias com as cidades, formando, assim, representações do espaço urbano e rural.

Veremos especificamente as criações simbólicas da fertilidade da terra e da religiosidade católica, suas transformações e resignificação ao longo do processo histórico na cidade de Jacarezinho/PR, atentando para as construções de edifícios concretos no espaço urbano e de políticas públicas. Estas articularam visivelmente a Igreja Católica, o Comércio e o Poder Público, que ora se apropriaram, ora criam novos símbolos para a manutenção de seu poder e influência social, de forma que as representações formadas da cidade mediarão em determinado momento as relações das pessoas com o próprio espaço urbano, o decodificando e ressignificando.

Além de que, a influência simbólica se mantém no cotidiano das pessoas, em práticas culturais e na memória coletiva, que exerce o poder da identificação, conseqüentemente, da territorialidade, tornando-se a memória coletiva e o inconsciente coletivo, campos de disputas por serem também locais de forças políticas que esbarram e permeia a vida das pessoas, tendo sido construído ao longo das gerações, formando a base para o patrimônio urbano.

Sobre os métodos de estudo, visando tais objetivos, observamos fotografias das décadas de 1950 a 1960, que documentam o ambiente urbano da cidade de Jacarezinho, pertencentes ao acervo do senhor Celso Rossi. Dentre as imagens vistas, capturamos três, dentre as quais separamos uma para cada década observada de forma a estudá-las durante o desenvolver dessa comunicação, a fim de encontrarmos conexões simbólicas que permaneceram na composição material da urbe e, a partir delas, demonstrar no presente texto a religiosidade como manifestação identitária na cidade.

Além do acervo fotográfico, consultamos o jornal *Tribuna do Norte*, do ano de 1961 e pertencente também ao acervo Celso Rossi, e a revista *O Norte Paraná Ilustrado*, do acervo da Biblioteca Prof.º Sílvio Tavares, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, que compõe, sem data exata, a década de 1930. Igualmente, refizemos parte da história de Jacarezinho através dos relatos orais que integram os livros do senhor Tomaz Aimone, referenciados na bibliografia deste estudo e pertencentes também ao acervo da Biblioteca Prof.º Sílvio Tavares.

As obras de arte selecionadas para esta pesquisa passaram pelo processo de análise e comparação obedecendo os seguintes critérios: 1. são obras que retratam a cidade de Jacarezinho; 2. representam o espaço urbano ou as mudanças desta; 3. abordam aspectos sociais e culturais; 4. demonstram o meio social da população da década de 1980 a 2000. Atentamos para as dificuldades de interpretação das obras, visto que a representação pictórica da realidade será restrita a inspirações e interpretações pessoais do mundo em que o autor habita. Tais

obras são permeadas por subjetividades, das quais decantamos o mundo que as liga ao simbolismo da cidade.

Do mesmo modo, a constituição desde artigo segue por três subtítulos ligados à construção histórica e simbólica da cidade, indo da representação da fertilidade da terra, em fins do século XIX, para a edificação da religiosidade católica como símbolo, em meados do século XX, deixando suas marcas no patrimônio urbano de Jacarezinho. A seguir, seguem dois subtítulos, com contextualização do cenário artístico da cidade, sequenciados pela exposição do estudo das obras artísticas que compõem os bens artísticos que fazem parte da cultura local.

Terminada esta introdução, principiemos pela edificação da história, da aldeia e do primeiro símbolo, ligado à territorialidade do Estado do Paraná, recém delineado em fins do século XIX.

## FINS DO SÉCULO XIX A MEADOS DO SÉCULO XX

No final do século XIX, a formação da identidade paranaense estava se constituindo como demarcação de fronteiras entre as Províncias, visto que a povoação de Nova Alcântara (atual cidade de Jacarezinho) se deu por volta de 1880, com intenção de procurar representações que marcassem o espaço regional, tecendo a territorialidade política por meio da representação simbólica, de forma a construir a figura do paranaense e do Paraná.

Neste início, a constituição de Jacarezinho e a fundação de seu primeiro símbolo se articularam com esta intencionalidade do governo, pensando a demanda econômica do comércio e da produção agrícola. Na articulação dessas instituições, a fertilidade da terra aparece documentada como simbologia no relato de Astolfo Severo Batista, da primeira metade do século XX: “Com a instalação do Termo, Jacarezinho tomou impulso: a sua importância começou a crescer dia a dia com a chegada de novas e numerosas caravanas de mineiros e paulistas encantados por suas terras que ‘Deus fez e perdeu a receita’, como diziam vulgarmente” (TRIBUNA DO NORTE, 1960, p. 6).

Do mesmo modo, os símbolos, tal como a fertilidade da terra, observado no fragmento de texto acima, sejam eles espontâneos ou intencionalmente criados, são sempre suggestionados com significados que, ao longo do tempo, se reconstruirão na elaboração dos laços afetivos entre as pessoas e as cidades, seguindo suas fantasias, perspectivas e realidades, gerando os sentimentos de inquietação ou apreensão em relação ao espaço social.

Com o correr das décadas se acentuaria as ligações e interdependência entre a cidade, seus símbolos e instituições fundadoras (Igreja Católica, Comércio, Pioneiros), mediadas pelo Poder Público, seguindo o ritmo da primeira metade do século XX, dado pelas políticas da extinta Província do Paraná. Com o desenvolvimento buscado pela Província do Paraná no final do século XIX, com incentivos aos fluxos migratórios e o estabelecimento de colônias de imigrantes, no desenvolvimento conjunto com o Comércio e a exportação de produtos agrícolas, Jacarezinho logo se estabelece numa rede de comercialização, ligada à rede interurbano do Paraná e São Paulo e aos portos de Paranaguá e Santos.

Esse fortalecimento do comércio se acentuaria principalmente a partir da década de 1920, com a expansão das terras da Alta Sorocaba e a presença da ferrovia em 1908, na cidade de Ourinhos-SP, e a ponte metálica sobre o rio Paranapanema, ligando Jacarezinho a Ourinhos, tal como, posteriormente, a construção da estrada de ferro da cidade de Jacarezinho.

A criação da fertilidade da terra como símbolo, se edificou junto ao fortalecimento da instituição Comércio, lembrando que estamos falando de uma época em que o comércio urbano dependia fortemente da produção rural. A cidade de Jacarezinho adquiriu uma geografia esparsa que seguiu circundando os comércios e indústrias, sendo que as habitações giravam em torno das olarias, casas de comércio e da estrada de ferro.

As décadas de 1930 e 1940 são momentos em que, seguindo os rumos da modernização do Paraná, afloram as medidas que buscavam uma cidade que fosse uma edificação “de nível intelectual elevado, de uma vida de trabalho febricitante, de uma sociedade aristocrática, atributos que dão foros de uma das maiores urbs do Norte do Estado” (JACAREZINHO, 1953 p. 12), fazendo com que se remodelasse a composição urbana visível e invisível.

Surge assim, o desejo de reorganizar a cidade nos põe frente a uma questão apontada por Brescianni (2007, p. 237):

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.

Derivada deste ideário, um dos pontos a serem remodelados para essas novas ideias foi o símbolo do poder público, a Prefeitura Municipal durante a década de 1950, que deixou de ser simples e de madeira, passando a ser um alto e de concreto a fim de espelhar uma “Cidade de aspecto grandioso” (O NORTE PARANÁ ILLUSTRADO, [193-]).

Essas mudanças de interesses e de significações do espaço visível e invisível que compõe determinada realidade – com suas hierarquizações e sociabilidades, contruídas nas fronteiras do tempo, da sociedade e do poder que atua sobre ambos, se acentuando ou esparsando, como eixos de significados – atuam sobre as pessoas de modo que

pode-se dizer que o que rompe a continuidade da minha vida consciente e individual, é a ação que sobre mim exerce, de fora, uma outra consciência, que me impõe uma representação em que está contida. É uma pessoa que cruza meu caminho e me obriga a notar sua presença (HALBWACHS, 2003, p. 121).

As construções ligadas à política e à identificação de determinados locais assombram a consciência das pessoas, estando como presenças nas memórias coletiva e individual, na medida em que a representação de determinado local é carregada pelas suas simbologias e esta representação, tanto quanto os símbolos, auxiliam na identificação do local das pessoas e da relação destas com a construção do espaço urbano.

Sendo a cidade uma construção social e edificação de poder, encontrou na passagem dos meados do século XX, o afloramento da religiosidade católica como outro forte símbolo identitário. Passando a ser, nesse cenário de conflitos e interesses dispersos na economia, a cultura também a ser trabalhada por determinadas instituições, havendo agora uma maior associação do Poder Público com a Igreja Católica. Talvez o motivo desta maior densidade do símbolo cultural-religioso estar ligada às metades do século XX se deva às ligações mais estreitas entre o Estado e a Igreja a nível nacional.

## A EDIFICAÇÃO DA RELIGIOSIDADE CATÓLICA COMO SÍMBOLO

A Igreja Católica, recriando com a construção de prédios e artefatos na cidade, símbolos que aludiam à sua identidade, fizeram com que o espaço visível de Jacarezinho fosse cada vez mais confundido com os espaços de fé Católica. Esta influência concreta foi auxiliada pela doutrinação educacional, visto que a Igreja possuía dois colégios na década de 1950 em Jacarezinho, o Colégio Imaculada Conceição e o Colégio Cristo Rei, ambos de grande porte. Demarcando a cultura de uma instituição claramente no cenário cultural da cidade: “Durante o ano realizam-se importantes festejos, quase todos acompanhados de procissões, cumprindo destacar as seguintes festas: da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro; de São Sebastião, em 20 de janeiro; de São Benedito no mês de maio, além das grandes procissões da Semana Santa” (ESTATÍSTICA, 1959, p. 271).

Além disso, como citado, para a edificação da religião católica como símbolo, um dos elementos que contribuíram foi à fundação da Sede Apostólica na cidade, cujo primeiro bispo, D. Fernando Taddeu, ordenou a construção da “Capela do Colégio Imaculada Conceição em 1938 e em nove de janeiro de 1940 foi sepultado na referida Capela [...]” (AIMONE, 1992, p. 86-7). Com o falecimento de D. Taddeu, o cargo é assumido por D. Ernesto de Paula, nomeado em 1941, que empreendeu a construção do atual Palácio Episcopal, “uma das maiores construções nesta cidade e iniciou a construção da Catedral, orgulho do NORTE PIONEIRO” (AIMONE, 1992, p. 87). O terceiro bispo, D. Geraldo de Proença Sigaud, tomou posse do cargo em 1947, e comprou a construção do Seminário Diocesano da Assunção e o fundou em 1953. Sendo depois, nomeado diretor e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, e afastado do cargo religioso no ano de 1961.

Postas tais considerações, para ficar mais clara a questão de construção social da experiência visual de uma cidade e da intenção de quem projetou sua obra, trazemos duas fotografias aéreas da cidade:

CATEDRAL

GINÁSIO CRISTO REI

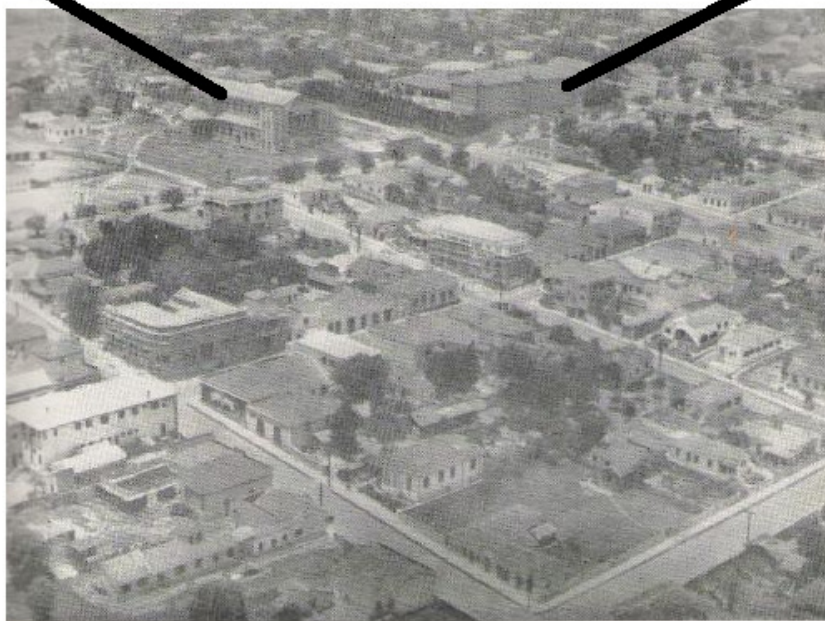


Figura 1: Jacarezinho, Vista Aérea, de 1946  
Fonte: acervo de Celso Rossi.





Figura 2: Jacarezinho, Vista Aérea, Anos de 1960  
 Fonte: acervo de Celso Rossi.

Antes de trabalharmos essas fotografias, é necessário nos nortearmos pelas considerações de Burke (2004, p. 43), quando diz que “imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em vista futuros historiadores e que elas dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim visões contemporâneas daquele mundo” (BURKE, 2004, p. 236). Logo, não concebemos que a fotografia tenha um olhar inofensivo, pois, na verdade, partimos do fato de que lidamos com imagens feitas por um profissional no intuito de promover a visão do crescimento urbano da cidade, pois os fotógrafos partiam de perspectivas aéreas, prática nada popular para o contexto histórico da confecção dessas evidências sociais.

Na Figura 1 (fotografia de 1946), não temos uma imagem muito nítida, devido à tecnologia do período e pela deterioração causada pelo tempo no documento, mas apesar disso é possível ver o edifício da catedral truncado, suas torres não estavam erguidas, o Colégio Cristo Rei está à esquerda, na Rua Paraná, colateral à Avenida Getúlio. Na primeira esquina, da esquerda para a direita, o prédio do Banestado (atual Itaú) e na segunda esquina o antigo Banco do Brasil (hoje Bradesco), ambos em construção e com suas fachadas voltadas para o observador da imagem. Contudo, nessa imagem, os prédios mais destacáveis são a catedral e o colégio.

Observamos da mesma maneira, como o arvoredo espalhado pela cidade, que na Figura 3 mostrava menor tamanho, na Figura 2 já ganhara a notoriedade que possui atualmente, pelas sombras que proporcionam. Existem algumas árvores dividindo espaço com edifícios em boa parte dos quarteirões. A Figura 2, por sua vez, demonstra a intenção do fotógrafo em emoldurar, na parte abaixo do retrato, o Colégio Imaculada Conceição à direita, a Capela de São Benedito à esquerda, estando o Colégio Cristo Rei e a catedral à direita superior. Juntam-se, à paisagem, casas, edifícios comerciais e públicos que recortam o espaço, em maior ou menor grau, com algumas árvores. Logo, em ambas as fotografias, vemos a preocupação em capturar os edifícios religiosos.

Talvez por tal motivo, a Figura 2 oferece, sobremaneira, indícios, quando olhamos as partes superiores da imagem, que denunciam a vivência de espaços desabitados, mas que aparecem

apenas em parte, por conta dos enquadramentos que visavam a captar a imagem da Igreja e do Colégio Cristo Rei, na Figura 1, ou, na Figura 2, da catedral, do Colégio Cristo Rei e do Colégio Imaculada, por exemplo. Assim, chegamos ao pensamento de Kevin Lynch (1999), que desenvolve ideias sobre a imaginabilidade, que seria a qualidade física própria de cada objeto, que garantiria grandes chances de conjurar uma imagem importante que depende da aptidão perceptiva dos agentes sociais de decodificar os valores culturais inerentes à realidade apresentada.

Os fatores do tamanho arquitetônico e posição fazem com que a catedral se configure como um símbolo na cidade, um tipo de referência, para Lynch (1999), e que elementos de evocações como estes “tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais. Podem estar dentro da cidade ou a uma distância tal que, para todos os fins práticos, simbolizam uma direção constante” (LYNCH, 1999, p. 53).

Seriam, portanto, símbolos identitários na construção psíquica do formato urbano, que definiriam a orientação e a interpretação da organização espacial que, por fim, estão também relacionados a uma “didática” religiosa de exaltar o templo como referência da grandiosidade.

Nesse meio entre intencional e casualidade, a paisagem urbana se fixa como o resultado das ações da sociedade e de grupos institucionais, colocando significados que caracterizam a cultura e, conseqüentemente, a sociedade que a produz como reflexo. Além de que, é possível perceber a necessidade do início do século XX de unificar as diversas identidades locais, dentre elas as de origem africanas e indígenas.

#### OBSERVAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE JACAREZINHO EM OBRAS DE ARTE

No cenário artístico de Jacarezinho, João Caldeira se coloca como figura central. Nasceu em Jacarezinho, no dia 12 de maio de 1938, filho de João José Caldeira, lavrador vindo da Bahia, e da senhora Gertrudes Srohlich, imigrante alemã. Foi operador de máquinas, caminhoneiro, oleiro, vendedor de frutas, pasteleiro, escultor, pintor e desenhista. Em sua vida teve de trabalhar muito cedo, não havendo condições de terminar os estudos, tendo cursado apenas dois anos. Seguindo o ritmo de migrações em busca de melhores condições de emprego, foi morar em Lençóis Paulistas, região de São Paulo, na década de 1960, retornando posteriormente a Jacarezinho.

Como autodidata, sua arte é marcada pela intuição e observação, principalmente, da natureza, e de expressões animista, traço que povoa a maior parte de suas obras, salvo os temas que retratam a cidade de Jacarezinho, como veremos nas obras abaixo, ambas da década de 1980.



Figura 3: João Caldeira. *Jacarezinho Antigo*, 1982. Escultura em Argila, 29x 85 cm  
Fonte: acervo de C.A.T.

A Figura 3 é visivelmente influenciada pela temática do Pioneiro, é um dos retratos da ação de uma construção político-social sobre a memória coletiva. Visto que, ao se pensar na fundação de Jacarezinho, o autor idealizou a fundação descrita pela história oficial, fenômeno que se dá pela apropriação da história descrita nos moldes oficiais, pela memória coletiva através do tempo.

Tornando as criações dos poderes, as memórias construídas pelos grupos e instituições, arquétipos do inconsciente coletivo, na obra de Caldeira se mostram desde a cor de pele do personagem ao seu domínio implícito sobre Jacarezinho antigo. Nos períodos das décadas de 1960 a 1980, constatamos uma grande produção de textos teatrais, contos, poesias, pinturas e esculturas influenciados e produzidos principalmente pelo meio acadêmico que passou a fazer parte da cidade. Grande parte do fomento para as encenações teatrais e exposições de artes plásticas, partiram do Comércio, Poder Público e até mesmo da Igreja Católica. De modo que as obras realizadas com estes incentivos reproduziam seus edifícios e idéias, agindo como forma de perpetuar e disseminar as influências e propagandear as instituições. A Figura 3 está hoje presentes no acervo do CAT, tendo sido premiadas nos Salões de Artes Plásticas de Jacarezinho.

Outro artista estudado foi Donizetti, jacarezinense, filho da pintora Dirce Nascimento, viveu parte da infância na zona rural, sendo sua obra marcada por ambos os espaços, urbano e rural. Outro traço característico de sua obra é a presença de personagens imaginários e os tubos de tintas, como uma assinatura autoral, com cenas marcadas pelas cores fortes e cenários enigmáticos.

Já na Figura 4, vemos uma diferente cena que aludem à cidade de Jacarezinho, podendo ser identificada, a um primeiro olhar, a imagem da torre da Catedral, agindo como o ponto de identificação com a cidade. A assimilação do símbolo se mostra rerepresentado pelo artista através da tela, mas em novo contexto.



Figura 4: Donizetti. *Sem título*, 1990. Pintura, 105x 65 cm  
Fonte: acervo pessoal do artista.



Começamos enumerando os detalhes que compõem a cena da Figura 4: os alienígenas e suas naves, a serpente, os três montes e a catedral. Observando-os separadamente, à serpente nos remete a uma lenda da cidade, segundo a qual, a figura em questão teria sido aprisionada no subsolo de Jacarezinho. A cabeça estaria presa sob os três montes, a sua parte mediana abaixo da Catedral, com calda estando em um morro no fim da cidade, sentido Ourinhos/SP, do qual o vento levaria as terras embora, extinguindo-o e soltando a parte da serpente que varreria a cidade para fora dos mapas.

Os três montes são conhecidos do cotidiano de Donizetti, vistos sempre ao longe, afastados das elevações e depressões da cidade. Mais uma vez, um marco do catolicismo aparece sobre eles, como se da água e da terra de Jacarezinho brotasse a religiosidade católica. Mas essa mesma água, submerge a base da Catedral, que vê boiar a sua estátua central e entortar um de seus crucifixos.

Os alienígenas seguram algo parecido com um quadro, que pode ser interpretado como uma alusão à obra construída na realidade. A pintura de Donizetti passa a ser vista como a representação de uma profetização que por um lado se deita na ordem hegemônica, de se apoiar no catolicismo, e por outro viés, o subverte, na medida em que se utiliza de uma cultura alternativa, como crença por extraterrestres.

O autor para tratar da cidade, a cerca de símbolos religiosos, criados institucionalmente, a identificação do local parte destas construções simbólicas. De maneira que as instituições não exercem poder apenas sobre a cidade em suas formas e políticas, mas também no inconsciente coletivo e individual. Mas quando estes símbolos deixam a esfera coletiva e passam a serem próximos da consciência, entrando em contato com as significações individuais, eles podem articular e serem recodificáveis.

O artista parte da sua realidade, sendo a obra fruto do seu contexto, seja da vida do autor ou do momento histórico perpassado pelo meio no qual ele se insere. De acordo com Umberto Eco, “a operação realizada pelo artista só adquire sentido se comensurada aos códigos iniciais, transgredidos e reevocados, contestados e reafirmados” (ECO, 1971, p. 154). É este o processo realizado nas telas vistas, pois, ao mesmo tempo no qual Donizetti contesta a ordem, o signo cultural imposto na realidade da cidade, este a reafirma, a reevoca, a legitima, para em seguida, a transgredir.

A obra de Donizetti reafirma a ordem constituída institucionalmente, no ponto em que utiliza dos símbolos para identificar a cidade de que fala a sua pintura, mas a reevoca, tirando-a da forma como as vemos imponente no centro da cidade, para transgredi-la afunda-a sobre águas, dando-lhe novo sentido, como o cair de uma tradição frente às culturas alternativas ou como uma busca por mudança da ordem vigente. A obra se constitui como uma faca de dois gumes, onde se insere na rede de poder constituída historicamente, a legitima pela aceitação, para só então, a reverter, a transgredir. Ou de caso contrário, nos relata novos olhares sobre a realidade, sobre as mudanças históricas e espaciais, sendo o que ocorre nas obras de João Caldeira.

Os poderes econômicos, políticos e culturais criam e concedem margem às representações locais, que serão forjados como arquétipos sociais, morando ao lado das memórias que se formam nos indivíduos, de forma coletiva ou mesmo individual. Mas essa esfera na qual o poder atua nos homens, também poderá ser reformulado, tocado pelo indivíduo, seja através da observação de uma obra de arte, da música ou da observação arquitetônica imposta na cidade de forma crítica, ou por meio da criação artística.

## CONCLUSÃO

Os símbolos são frutos da necessidade econômica (fertilidade da terra) e cultural (religiosidade católica), embora ambos os eixos se toquem, atravessam as instituições públicas e/ou privadas, forjando identificações e marcas que confundem a cidade com a própria instituição de poder. A história oficial passa a ser produzida e influenciada pelas edificações desses poderes institucionais construídos com argamassa, tijolos e propagandas no seio do espaço urbano e rural. E, ao longo do tempo, as influências, história oficial e simbologias, signos de poder, vão sendo assimiladas e recodificadas pela memória coletiva, e esta toca a memória individual nas histórias, contos e até mesmo, lendas.

Das individualidades e histórias que constroem a memória de cada indivíduo, podemos pescar as influências dos poderes institucionais através da arte e do patrimônio urbano, que serão também uma das representações a povoar nossas relações com o mundo. Em Jacarezinho, as obras observadas retratam a assimilação da história oficial dos Pioneiros, a figura da Matriz como ponto de identificação da cidade e até mesmo os poderes rurais, como a lembrança que aludia aos Pioneiros.

Mas a obra de arte não se porta apenas como uma reprodução simbólica, também é uma reordenação do poder, uma vez que o artista transforma tudo o que por ele passa, combinando e criando ao devolver a realidade. Candido (2006, p. 27) comenta: “Algumas tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas”.

Por este olhar entendemos a agrupação das ideias de cultura alternativa que Donizetti emite em sua obra e reordena a cidade no plano tridimensional. Então, Jacarezinho se mostra uma obra de poder e hierarquia, mas também de uma construção social e individual, que pode ser denominada artística, histórica e memorialística: “Como terreno de fantasias, projeções inconscientes e lembranças, a cidade abriga monumentos, que são visíveis ou invisíveis e que se situam além do dado empírico. Podem articular o mundo interior ao exterior, as memórias individuais à memória coletiva, sonho à vigília” (FREIRE, 1997, p. 58).

Em outras palavras, os agentes sociais e as instituições político-econômicas podem ter elaborado as ruas centrais da cidade e formado parte do patrimônio urbano, mas a criação de leituras dessa construção se dá através das subjetividades dos transeuntes, que atuam na criação artística reformulando a memória ao produzir o patrimônio artístico. Portanto, tem a arte, um específico poder, triplo em sua medida, pois representa, transcende e age sobre os imaginários e porta a sociedade de patrimônios culturais, desde suas convenções às subversões.

## BETWEEN SYMBOLS AND INSTITUTIONS: THE MEMORY OF CONSTRUCTION IN URBAN AND ARTISTIC PATRIMONY OF JACAREZINHO / PR

*Abstract: observation of the construction in the city of Jacarezinho / PR, through symbols and their relationships with institutions and public policies. Study of printed memory 1950-1960 in the magazine O Norte do Paraná Ilustrado (1930), in the newspaper Tribuna do Norte (1961) and photographs (1950-1960). Symbolologies this local may be confused with symbols that characterize the region, a political and institutional construction for the formation of the local culture of cities “North Pioneer”, whose identity was alluding to progress. With this observation, we seek to review*

*memories and we propose to observe the symbols, the city and the memory from another standpoint: the individual. Understanding influences the institutional dimension of symbolic production by the perception of popular artists throughout 1980-2000, and the relationship between individual memory, collective and social spaces and languages, mainly using art works and sculptures. Finally, we seek to contribute to discussion about the influences of power in memories and reformulating the subjectivity of the artistic patrimony.*

Keywords: *Memories. Institutions. Symbols. Art. Jacarezinho/PR.*

#### Referências

- AIMONE, Thomaz. *Meu ginásio Rui Barbosa de Jacarezinho*. Jacarezinho: [s.n.], 1992.
- BRESCIANI, Maria Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru - SP: Edusc, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente: Introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Perspectiva, Editora da USP, 1971.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC/Annablume, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- História de Jacarezinho. *Jornal Tribuna do Norte*, Jacarezinho, 12 ago. 1960.
- CÂMARA MUNICIPAL DE JACAREZINHO. *Mensagem dos negócios administrativos do município de Jacarezinho*. Prefeito Benedito Moreira. Jacarezinho: 1953.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Mensário paranista de arte e actualidades. *Ilustração Paranaense*, Curitiba, Ano I-IV, 1927-1930.
- PREFEITURA municipal de Jacarezinho. *O Norte Paraná Ilustrado*, Jacarezinho, n. 03, [193-].